

## CONSÓLOS

Chegou uma onda de frio enviada pelo senhor general Perón; o senhor Cleofas veio de Pernambuco com uma conversa muito esquisita e um empate esquisitíssimo, que não parece coisa de pernambucano; e lamento muito a decepção dos húngaros, mas reconheço que essa derrota representou um consôlo para um brasileiro prêso em casa pelos achaques próprios de sua idade, e com a cabeça ainda inchada devido aos mesmos húngaros.

A coisa mais detestável do rádio brasileiro é a mania de dizer a todo momento, a propósito de qualquer pessoa que "é o MAIOR!" Durante os próximos quatro anos teremos o consôlo de pensar que nenhum país pode dizer que "é o maior" em futebol, e até poderemos ser bastante ingênuos para continuar a dizer que "no fundo, nosso futebol é o melhor" — como se futebol fôsse algo de metafísico e não uma questão de bola dentro e bola fora. Os alemães são campeões modestos que não incomodam, e sobretudo não provam a superioridade do futebol europeu sobre o sul-americano, o que é adorável. Poderemos fazer frases do tipo — "os hunos salvaram a civilização ocidental" — por exemplo. De qualquer modo um consôlo para um senhor de joelho enguiçado com suspeita de menisco — acho que me deu um menisco lendo uma entrevista de Zezé Moreira, cujo engano grave é pensar que futebol se disputa de chuteira na mão e não no pé.

Bem, bem, mas no fim de tudo ainda existe o Flamengo, a velha fé. Ser Brasil é muito triste. Primeiro, porque a gente apanha sempre. Flamengo também apanha muito, mas às vezes, como no último campeonato, faz um bonito. O Brasil é muito grande e muito atrapalhado, e o pior é que a gente fica torcendo pelo Brasil e ao mesmo tempo fica pensando como o Brasil não ficaria insupportável se fôsse campeão. Felizmente há juiz inglês que a gente pode acusar de comunista (meu Deus, porque não exigiram atestado ideológico — oh, êsses cartolas!) chuteira escorregando e chuva chovendo só de nosso lado, etc. Assim a gente tem desculpa para não ser "o maior" e ao mesmo tempo fica pensando, embora meio desconfiado, que é.

No fundo, o próprio Zezé Moreira é um consôlo. Um consôlo triste, que dá certa raiva — mas nestes momentos cruciantes da nacionalidade a gente se agarra a tudo. E aquela porção de húngaras louras (em São Paulo garçõete húngara no meu tempo não era húngara, era húngaresa) viajando de ônibus para assistir à grande vitória — coitadas! Sinto-me solidário com a tristeza de onze jovens senhoras húngaras — e na solidão do meu apartamento, de joelho torto e moral baixa, essas lágrimas húngaresas me ajudam a me consolar quando 1958 parece tão longe, a Suécia tão distante, a conversa do sr. Cleofas tão esquisita e a onda do senhor general Perón tão fria, tão fria.

6/7/54 R. B.

100